

*Sob Fronteiras: histórias de mulheres no emprego doméstico*¹

Luciene DIAS²

Ana Luíza SILVA³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

A obra *Sob Fronteiras: histórias de mulheres no trabalho doméstico* é um livro-reportagem composto por oito capítulos, construídos a partir de entrevistas com sete mulheres que prestam esse tipo de serviço ou que já trabalharam nesse ofício. O livro se focaliza no registro e compreensão das condições trabalhistas, dos direitos não respeitados e das vivências individuais, a partir de levantamento bibliográfico, entrevistas em profundidade e pesquisa documental

PALAVRAS-CHAVE: Serviço Doméstico; Cômodos; Histórias; Jornalismo Literário.

INTRODUÇÃO

Ao longo da formação histórica do país, durante o período colonial, as mulheres negras desempenhavam papéis cruciais nas lavouras, nas cozinhas e nos trabalhos de cuidado e limpeza. Em alguns casos, especialmente em áreas urbanizadas, sustentavam famílias inteiras por meio de seu trabalho árduo. Essa herança histórica contribuiu para as disparidades raciais e de gênero que persistem na sociedade brasileira.

O ofício destas mulheres nasce durante a colonização, com origem escravocrata e racista, no entanto, “no período escravocrata, não cabia o termo emprego doméstico no caso das mulheres negras, pois era na condição de escravas que elas faziam os trabalhos domésticos na casa das famílias dos senhores.” (Ferreira, Ávila, 2020)

Na atualidade, as pessoas que executam esse trabalho também são por sua maioria mulheres negras, de acordo com o Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas (Dieese). E a remuneração deste trabalho surgiu somente no ano de 1972, após pressão do Sindicato dos Empregados Domésticos. Em consequência vivenciou novos avanços na Constituição Federal de 1988, como salário mínimo, décimo terceiro, folga semanal remunerada, férias anuais, licença-maternidade, aviso prévio e aposentadoria.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Imagens e Narrativas, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Professora do Curso de Jornalismo da FIC- UFG, email: luciene_dias@ufg.br.

³ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da FIC - UFG, email: analuiza234@discente.ufg.br

Após estudar o referencial teórico, iniciei a investigação jornalística, na qual utilizei a entrevista como elemento crucial da construção deste projeto. O livro se baseou na possibilidade de que as dificuldades que essas mulheres vivenciam através desta profissão são sentidas desde a escravidão e reverberam até os dias atuais. Isso foi confirmado através das conversas com as entrevistadas e com leituras adicionais sobre a história desse ofício.

Diante desses acontecimentos e relacionando essas questões ao período atual, o trabalho em questão buscou entender as questões trabalhistas e raciais do trabalho doméstico, identificando os avanços e o que ainda precisa ser melhor avaliado. Uma das figuras centrais dessa pesquisa é Mirtes Renata, mãe do menino Miguel Otávio. A criança morreu após negligência da então patroa e empregadora que ficou ‘olhando’ seu filho enquanto ela passeava com o cachorro da família, a sua morte gerou comoção nacional. “A análise do caso Miguel suscita questionamentos acerca das potencialidades das ações coletivas de coalizão de levantar atravessamentos de raça, classe e gênero e, mais que isso, de provocar mudanças nas estruturas sociais.” (KIND, FURST, GÁLVEZ, RAMOS, 2023)

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No estudo sobre as raízes desse ofício, a obra de Maria Betânia Ávila e Verônica Ferreira, intitulada *Trabalho doméstico remunerado: contradições estruturantes e emergentes nas relações sociais no Brasil* (2020) guiou o entendimento sobre o assunto e deram direcionamento para a produção.

Através dessa leitura foi possível entender os motivos que levam essas mulheres ainda hoje serem relegadas à posição de invisibilidade. Com raízes na escravidão, esse ofício carrega uma grande carga histórica que foi também estudada a partir de outros documentos. O primeiro destes é a obra de Luciana Dias e Lyzyê Almeida, intitulada *Eu empregada doméstica: heranças, resistências e enfrentamentos das trabalhadoras domésticas no Brasil* (2022).

Através dessa obra, as autoras fazem uma análise reflexiva dos relatos disponibilizados na página ‘Eu Empregada Doméstica’, interseccionando questões como o racismo e machismo, além da subalternização das trabalhadoras domésticas,

majoritariamente negras, no Brasil, nele também explorei a problematização do termo empregada doméstica.

A segunda obra é o *Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista* (2019) de Silvia Federici. A partir dela foi possível olhar o trabalho destas mulheres por meio de uma ótica, que problematiza principalmente questões de gênero, onde teoriza e politiza o trabalho doméstico. Federici caracteriza essa ocupação como uma das violências mais sutis que o capitalismo já perpetuou contra a classe trabalhadora (2019, p. 42).

No que diz respeito ao gênero jornalístico que escolhi para o projeto, o livro-reportagem, o estudo aprofundado foi guiado por Gustavo Castro e Alex Galeno, na obra intitulada *Jornalismo literário: a sedução da palavra* (2005). A literatura foi vista nesse projeto como “o fermento para desobstruir a imaginação jornalística e um meio de evitar que ela se transforme em mero exercício retórico do cotidiano” (2005, p.107). Por isso, diante deste referencial, eu como aspirante a jornalista escolhi a forma de narração que mais se adaptasse ao meu jeito de escrita e a forma como decidi transmitir a história daquelas que confiaram em mim suas vivências.

Além disso foi feita uma pesquisa documental a respeito da exploração histórica desse ofício, através de documentos como a Consolidação das Leis Trabalhistas de 1943, a Emenda Constitucional do artigo 7º da CRFB/88 e os estudos feitos em 2013 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Outro ponto também importante explorado na elaboração dessa pesquisa foi o conceito de Jessé Souza sobre subcidadania, onde Souza (2003) problematiza a naturalização da condição de opressão e humilhação vivida por uma considerável parcela da população, sendo esta situação reforçada por uma noção ilusória de igualdade na atual ordem competitiva. Por fim, outro conceito trabalhado e talvez um dos mais importantes, o responsável por fortalecer o nome escolhido para essa obra, é a ideia de ‘lugar’ e ‘não lugar’ de Augé (1994). Para ele, o lugar identitário é intrinsecamente relacional e histórico, uma vez que carrega consigo memórias acumuladas ao longo do tempo.

E o “não-lugar”, são os espaços que carecem das características identitárias, relacionais e históricas. Nos não-lugares, as pessoas mantêm uma relação utilitária, voltada para suas finalidades específicas. Essas mulheres, especialmente as que vivem na

casa dos empregadores, não têm uma relação nesse espaço, onde elas constroem uma identidade.

Além disso, se formos levar em consideração questões territoriais, a casa dos patrões é somente um espaço utilitário, já que, é uma espécie de empréstimo pelo serviço prestado. Não há a sensação de pertencimento em um lugar onde diariamente são lembradas de que aquele não é um espaço delas. Por isso, vivem em fronteiras, estão localizadas ao meio de lugares que não as pertencem.

METODOLOGIA

Outro ponto importante sobre a construção dessa pesquisa é o fato de que os relatos de cada uma das personagens são utilizados no sentido de construir uma única história, que ao final é costurada no antepenúltimo capítulo, na ‘Sala de Estar’. Nele todas as histórias se conectam. Os capítulos que se antecedem são contados a partir da perspectiva de um cômodo ou espaço em que estas mulheres estão acostumadas a lidar. Ou seja, através do sumário pode se observar o caminho feito por elas diariamente.

A melhor alternativa para abordar e passar tantas informações foi através da grande reportagem, onde foi possível falar sobre os dados e experiências de uma forma mais profunda. Inicialmente, me amparei no levantamento bibliográfico, através da análise de materiais já publicados sobre o assunto e presentes no projeto de pesquisa desta produção, logo após também explorei livros de produções feitas a partir de orientação da minha professora Luciene Dias. Foi através também dessas produções que orientei a minha escrita.

Logo após isso, iniciei o processo de apuração de fontes, a partir do qual eu escolhi as primeiras possíveis personagens, todas mulheres. Foram levados em consideração para as escolhas das entrevistadas fatores como faixa etária, de forma que a maioria delas estivesse presente, mas apesar do desejo, isso não foi possível, por isso as histórias deste livro são formadas por mulheres com idade entre 38 e 65 anos.

A princípio, na formulação dos personagens que poderiam compor a história que eu desejava contar, levantei alguns nomes, entre eles estavam Mirtes Renata e Aldenilza Santos. A partir dessas pessoas, acessamos outros personagens, durante a construção e escrita, onde percebemos que poderiam compor a história. Durante o caminho algumas mulheres não se dispuseram a contar suas vivências, optando por ignorar os meus

contatos, no entanto sete mulheres se dispuseram e colaboraram para que esse projeto se tornasse realidade.

Para compor essa pesquisa entrevistei seis destas mulheres de forma presencial e uma delas via Google Meet, a estudante de Direito, Mirtes Renata. Algumas delas nos encontramos mais de uma vez, como foi o caso de Kelly Araújo e Aldenilza Santos. Mas de forma geral, com todas mantive bastante contato por redes sociais, onde eu confirmava algumas informações.

Já para as entrevistas, desenvolvi roteiros semiestruturados que me permitiram orientar as conversas, ao mesmo tempo em que deixei espaço para explorar questões que pudessem surgir organicamente. Esses roteiros foram cuidadosamente elaborados levando em conta as experiências únicas de cada mulher entrevistada.

CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Durante a escuta e transcrição destas trajetórias discutimos e decidimos que seria interessante problematizar o termo ‘empregada doméstica’ e nomear essa profissão de uma forma mais respeitosa e que não fosse reverberar nenhum preconceito. Foi então que escolhi ‘mulheres que executam serviços domésticos’. Contemplando as raízes racistas desse termo era imperativo o posicionamento na escrita.

Por ser a palavra ‘cuidado’, intrinsecamente ligada ao cotidiano das mulheres entrevistadas neste projeto, conhecer de perto a história, e perceber como, para muitas delas, aquele momento da pesquisa era a primeira oportunidade de falar de si mesmas, demonstrou a importância de dar espaço para narrativas amplamente marginalizadas.

Em relação ao cenário de Goiás e a condição dessas trabalhadoras, foi possível observar que essa realidade não é vivida só nesse estado, mas em todo o Brasil. O que se tornou claro na entrevista com Mirtes Renata, caso histórico que marcou todo o país.

Mesmo com a conquista de direitos, continuam a ser desrespeitadas. Ainda recebem através de benefícios indiretos como, alimentação, vestuário e medicamentos. Trabalham mais do que a carga horária permitida, são mal remuneradas, discriminadas e invisibilizadas.

Esse material contribui para o arcabouço teórico de pesquisas relacionadas e feitas a mulheres que prestam serviços domésticos e busca também de estímulo para

investigações adicionais, contribuindo assim para um entendimento mais aprofundado e inclusivo dessas experiências.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica. *Trabalho doméstico remunerado: Contradições estruturantes e emergentes nas relações sociais no Brasil*. Psicologia e Sociedade [online], v. 32. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32242869>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. p. 496. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CENTRO FEMINISTA DE ESTUDOS E ACESSORIA (CFMEA). *Trabalho doméstico: origem racista e perspectiva*. Outras Palavras: Jornalismo de Profundidade e Pós-capitalismo, São Paulo, maio. 2021. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/feminismos/trabalho-domestico-origem-racista-e-perspectivas>>. Acesso em 08 dez. 2023.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Luciana de Oliveira; ALMEIDA, Lyzyê Inácio. *Eu empregada doméstica: Heranças, resistências e enfrentamentos das trabalhadoras domésticas no Brasil*. Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, Pelotas, v. 9, n. 1, jan/jun. 2021.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *Trabalho doméstico*. Brasília: OIT, 2013. Disponível em <<https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-domestico/lang--pt/index.htm>> Acesso em 08 dez. 2023.

SOUZA, Jessé. *(Não) Reconhecimento e Subcidadania, ou o que é “Ser Gente”?*. Lua Nova, Revista de Cultura e Política, n. 59, p. 51–73, 2003.

VERGÈS, Françoise. *Um Feminismo Decolonial. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo*. 1ª ed. São Paulo: Editora Ubu, 2020.